

ENSAIO SOBRE AS LIBERDADES

RAYMOND
ARON

Tradução de Ruy Belo

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
I. ALEXIS DE TOCQUEVILLE E KARL MARX	17
II. LIBERDADES FORMAIS E LIBERDADES REAIS	63
III. LIBERDADE POLÍTICA E SOCIEDADE TÉCNICA	119
CONCLUSÃO	165

I

ALEXIS DE TOCQUEVILLE
E KARL MARX

O vocabulário de Tocqueville não deixa de ser equívoco e as duas palavras que de bom grado emprega nem aparecem rigorosamente definidas nem sempre são tomadas na mesma acepção. Parece-me, no entanto, que continua a não ser difícil apreender o pensamento.

Na maioria dos casos, Tocqueville designa pelo termo democracia um *estado da sociedade* e não uma *forma de governo*. A democracia opõe-se à aristocracia. O antigo regime era fundado sobre a desigualdade das condições, sobre uma nobreza enraizada no solo; é que toda a verdadeira aristocracia acaba por ter uma base territorial, porque só a propriedade da terra lhe assegura a continuidade necessária. É certo que, em *La Démocratie en Amérique* (t. II, 2, c. XX), Tocqueville evoca a aristocracia que poderia derivar da indústria:

Assim, à medida que a massa da nação se torna democrática, a classe particular que se ocupa da indústria torna-se cada vez mais aristocrática. Os homens mostram-se cada vez mais diferentes na outra e a desigualdade aumenta na pequena sociedade na mesma proporção que decresce na grande.

Mas se é verdade que, no mundo da indústria, alguns homens muito opulentos se contrapõem a uma multidão bastante miserável, Tocqueville estava longe de julgar que esses homens muito ricos fossem capazes de constituir uma verdadeira aristocracia ou que os contrastes, visíveis nas pequenas sociedades industriais, constituíssem o símbolo ou o sinal do que a grande viria a ser.

Há ricos — escrevia ele —, mas a classe dos ricos não existe, porque esses ricos não têm espírito nem objectivos comuns, não têm tradições nem esperanças comuns. Há membros, mas não há corpo [...]. Os ricos não só não se acham solidamente unidos entre si como se pode dizer que não existe verdadeiro laço entre o pobre e o rico [...]. O industrial só pede ao operário o seu trabalho e o operário só espera dele o salário [...]. A aristocracia territorial do século passado era obrigada por lei, ou julgava-se obrigada pelos costumes, a socorrer os seus servidores e a aliviá-los das respectivas misérias [...]. Entre o operário e o senhor há frequentes relações, mas não existe verdadeira associação. Penso, em suma, que a indústria manufactureira, que prospera aos nossos olhos, é uma das mais duras que jamais apareceram na Terra; mas é ao mesmo tempo uma das mais restritas e das menos perigosas.

A democracia, tal como o concebe ordinariamente Tocqueville, é portanto por essência uma negação da aristocracia, implica o desaparecimento das ordens privilegiadas, a progressiva indistinção do *estado* e a tendência cada vez maior para uma igualdade económica, para uma uniformidade das maneiras de viver. Com a aristocracia desaparece a relação entre o senhor e o servo, desaparece o mandamento inerente à obrigação de proteger aquele que obedece. Riqueza e poder tendem a dissociar-se. O trabalho converte-se na actividade honrosa e normal de todos e de cada um. As aristocracias desprezam o trabalho com a mira

num proveito. Nas sociedades democráticas, as duas ideias de trabalho e de lucro encontram-se visivelmente unidas. Quer os servos quer o Presidente recebem um salário. «Paga-se-lhe tanto a ele para mandar como a eles para servir».

Se é esse o sentido mais corrente, mais evidente também que o termo democracia reveste na pena de Tocqueville, este não deixa de ter consciência da distância existente entre a definição da democracia como um *estado da sociedade* e a definição tradicional da democracia como um *tipo de regime*. Monarquia, aristocracia, democracia, de acordo com a classificação secular, não significa porventura a soberania de um só, de alguns e de todos? Um texto encontrado entre os papéis de Tocqueville e publicado por J.-P. Mayer no tomo II de *L'Ancien Régime et la Révolution*, revela em que medida Tocqueville hesita em romper o laço existente entre a definição social e a definição política da democracia.

Dir-se-á que um país governado por um príncipe absoluto é uma democracia porque governará através de leis e por meio de instituições que são favoráveis à condição do povo. O seu governo será um governo democrático. Formará uma monarquia democrática. Ora, as palavras democracia, monarquia, governo democrático só podem dizer uma coisa segundo o verdadeiro sentido das palavras: um governo em que o povo participa cada vez mais no governo. O seu sentido acha-se intimamente ligado à ideia da liberdade política. Qualificar como democrático um governo em que a liberdade política não existe, equivale a dizer uma coisa visivelmente absurda, conforme o sentido natural das palavras. O que levou a que se adoptassem expressões falsas ou pelo menos obscuras foi: 1.º) o desejo de iludir a multidão, porque a expressão governo democrático sempre gozou de um certo êxito junto dela; 2.º) a dificuldade real em que uma pessoa se encontrava para exprimir, através de uma palavra, uma ideia tão complicada como esta: um governo absoluto, em que o povo de forma

alguma participa do governo, mas em que as classes situadas acima dele não gozam de nenhum privilégio e em que as leis estão feitas de maneira a favorecer tanto quanto possível o seu bem-estar.⁽³⁾

Este fragmento figura no capítulo que Tocqueville havia de consagrar à obra da Constituinte. *Ora* – escreve ele – *nunca examino o sistema de leis da Constituinte sem encontrar nele esse duplo carácter de «liberalismo», «democracia», o que me leva a reparar amargamente no presente.* No momento em que escreve estas linhas exilou-se a si mesmo da França oficial por causa do golpe de Estado que permitiu a Luís-Napoleão restaurar o Império. O regime imperial não é nem aristocrático nem democrático. É um despotismo que se sobrepõe a uma sociedade de tendências democráticas. A seguir à derrota de 1870, Ernest Renan também virá a pôr em causa a democracia ou uma concepção falsa da democracia. Contra o abuso do termo democracia por parte dos porta-vozes de um regime despótico, Tocqueville lembra que a sociedade a que aspiravam as Constituintes teria sido livre ao mesmo tempo que democrática; teria sido «não uma sociedade militar, mas sim uma sociedade civil». No capítulo intitulado «As Ideias de 1789», a propósito da Constituinte, exalta

o acerto da sua maneira de ver geral, a verdadeira grandeza dos seus desígnios, a generosidade, a nobreza dos seus sentimentos, a «união admirável entre o gosto pela liberdade e pela igualdade que fazia entrever» (...).

É assim que o próprio fragmento se integra na concepção de conjunto de Tocqueville.

Seja como for, a aristocracia de ontem acha-se condenada e, mesmo num regime despótico, as leis poderiam ser feitas de

⁽³⁾ *Oeuvres Complètes* [O. C.], t. II, 2, p. 199.

maneira a favorecer tanto quanto possível o bem-estar do povo. Mas se as sociedades modernas, apesar de despóticas, conservam certos traços democráticos, a inspiração profunda, quer da Revolução Francesa, quer da sociedade americana é a de unir *democracia e liberalismo, igualdade e liberdade*.

Qual o sentido que Tocqueville atribui à palavra liberdade, a mais empregada e a mais equívoca possível porque, em cada época, os homens reivindicam, sob o nome de liberdade, os poderes de que se sentem injustamente despojados, protestam, em nome da liberdade, contra sujeições reais? A definição mais límpida que Tocqueville deu da liberdade encontra-se, quer-me parecer, no ensaio sobre o *État social et politique de la France*, publicado em 1836:

Segundo a noção moderna, a noção democrática e mesmo a noção precisa da liberdade, como se presume que cada homem recebeu da natureza as luzes necessárias para se conduzir, traz ao nascer um direito a viver de maneira independente dos seus semelhantes, em tudo o que só diz respeito a si mesmo, e a regular como muito bem entender o seu próprio destino.⁽⁴⁾

Assim definida, a liberdade é ao mesmo tempo negativa e indeterminada. Negativa no sentido de que tem como expressão a independência, a escolha por cada um do respectivo destino. Indeterminada porque resta saber até onde vai aquilo que, para cada um, «só diz respeito a si mesmo». Esta liberdade relativamente aos outros – ou, em inglês, esta *freedom from* – tem também, segundo outros textos, um conteúdo positivo, é uma liberdade em vista de ou *freedom to*. A liberdade-independente, a que Montesquieu teria chamado segurança ou ausência de arbitrariedade, só se realiza autenticamente na liberdade propriamente política, isto é,

⁽⁴⁾ *Ibid.*, t. II, 2, p. 62.

na participação do cidadão na administração dos assuntos locais e na gestão da coisa pública. Ora, a liberdade política, aquela que o despotismo, embora se pretenda fazer passar por democracia, elimina, é, aos olhos de Tocqueville, o valor supremo. Este apego apaixonado à liberdade política explica-se com certeza por motivos pessoais. Mas ele mesmo dá uma justificação propriamente sociológica do valor que confere à liberdade política. Nas sociedades democráticas

a vontade de enriquecer seja como for, o gosto pelos negócios, o amor pelo lucro, a procura do bem-estar e dos prazeres materiais são as paixões mais comuns. Estas paixões desenvolvem-se facilmente em todas as classes, penetram mesmo naquelas que até aí lhes tinham sido mais alheias e chegariam dentro em breve a debilitar e a degradar toda a nação se nada lhes pusesse cobro. Ora, é da própria essência do despotismo favorecê-las e estendê-las.

E, um pouco mais longe, neste mesmo prefácio a *L'Ancien Régime et la Révolution*, escreve ainda:

Só a liberdade é capaz de os arrancar ao culto do dinheiro e à pequena barafunda diária dos seus negócios particulares para lhes fazer entrever e sentir a pátria acima e ao lado deles; só ela substitui de tempos a tempos ao amor pelo bem-estar paixões mais enérgicas e mais elevadas, só ela fornece à ambição objectivos superiores à aquisição das riquezas e cria a luz que permite ver e julgar os vícios e as virtudes dos homens.

E finalmente:

Não receio afirmar que o nível comum dos corações e dos espíritos nunca deixará de diminuir enquanto a igualdade e o despotismo andarem juntos.